

Dívida externa da Cesp alcança US\$ 2,5 bilhões

ALBERTO TAMER

A Cesp é uma das empresas estaduais mais prejudicadas pela administração anterior, com dívidas externas que se elevam a US\$ 2,5 bilhões, feitas para a compra de 35 unidades geradoras que somente entrarão em operação entre 1989 e 1991 nas usinas de Rosa-

na, Taquaruçu, Porto Primavera e na barragem de Três Irmãos. Os contratos com as empreiteiras nacionais para a execução dessas obras se elevam, a valores de hoje, a Cr\$ 1,5 trilhão. Há um atrasado de pelo menos Cr\$ 170 bilhões, a preços de dezembro de 1983, sobre o qual incide correção monetária.

A empresa vem tentando renegociar a dívida externa, procurando assegurar as condições financeiras anteriores e, internamente, está reduzindo as obras ao máximo — a cerca de 5% do normal — apenas para manter algum ritmo de operação. Os equipamentos comprados no Exterior estão sendo entregues em parte, e se encontram estocados nas respectivas usinas, com o risco de perda da garantia oferecida pelo produtor, já que os prazos de sua utilização foram postergados por alguns anos.

Na verdade, tudo foi feito como se não existisse a usina de Itaipu, que já começou a gerar energia para o Paraguai e este ano terá a sua segunda máquina de 720 mil KW operando para o Brasil. Ao todo, terão de ser absorvidas 18 máquinas, com uma potência total de 12,6 milhões de kW. Prevê-se que Itaipu atenderá plenamente até 1990 a demanda da região Sul-Sudeste, na qual se inclui São Paulo.

A elevação acentuada da dívida da Cesp ocorreu entre 1980 e 1982, quando foram assinados os contratos das três usinas, e mais a instalação de geradores na barragem de Três Irmãos. O projeto era extremamente ambicioso para a época — quando já se sentia a queda do consumo e tinha-se como certa a conclusão de Itaipu nos cronogramas previstos. De fato, as quatro obras (Ro-

sana, Taquaruçu, Porto Primavera e Três Irmãos), quando concluídas, representariam um aumento considerável da potência instalada do sistema Cesp, que passaria de 3,9 para 8,3 milhões de quilowatts. Parte dos recursos externos se destinariam ao pagamento da própria dívida da Cesp e à cobertura da parcela nacional, cujos equipamentos a serem comprados no mercado interno, tinham um valor estimado equivalente a US\$ 940 milhões. A maior parte das encomendas com a indústria nacional ou está suspensa ou está com pagamentos atrasados, estimados, hoje, pela Abdib, em Cr\$ 9 bilhões.

O QUE FAZER

A Cesp não pode contar com apenas sua receita para saldar os compromissos. Ela, hoje, se eleva a Cr\$ 1,2 trilhão, previsão para 1984, dos quais restarão apenas Cr\$ 600 bilhões após despesas e encargos. Diante disso, a empresa está pondo em prática uma dupla estratégia. Externamente, negocia com os fornecedores de equipamentos prematuramente comprados e com os financiadores a dilatação dos prazos de entrega, após os quais começam a vencer as prestações. Pretende-se, em oposição ao desejo desses fornecedores, manter as condições financeiras na medida em que estas sejam interessantes.

Internamente, foram renegociados os prazos de fabricação de equi-

pamentos e revisto o ritmo das obras civis. Ao mesmo tempo, pleiteia-se autorização do governo federal para novos empréstimos que permitam continuar rolando a dívida...

OS GRANDES INTERESSES

O que teria levado a administração anterior a assumir compromissos tão prematuros e desproporcionais, pondo em risco a saúde financeira da empresa? Por que contratar tantas obras adiáveis? O que ocorreu foi a concentração de vários interesses: do governo federal, que precisava desesperadamente antecipar projetos para conseguir dólares livres, a fim de fechar o balanço de pagamentos, principalmente após o dramático outubro de 1982. O setor elétrico foi muito utilizado com esse objetivo, pois havia uma determinada percentagem de dólares de livre utilização vinculada a cada dólar de equipamento comprado no Exterior. Quem vendia pretendia apenas fazer negócio, entragando o mais rápido possível o equipamento, sem perguntar se seriam ou não utilizados, ou quando... E os fabricantes estrangeiros, que já receberam seus pagamentos no Exterior estão agindo assim.

Igualmente, houve pressão dos fornecedores nacionais interessados em preencher a capacidade ociosa de suas indústrias. Mas a pressão mais forte e decisiva foi das grandes empreiteiras, que já previam o fim da era das grandes barragens com o término próximo de Itaipu e "inventavam" projetos para obter novos contratos. Pretendiam e obtiveram contratos no valor atual de Cr\$ 1,5 trilhão, reajustáveis, se forem cumpridos...

Finalmente, houve o interesse político do sr. Paulo Maluf de anunciar grandes obras, de aumentar em 50% a capacidade instalada da Cesp, de fazer grandes realizações, mesmo que essas obras e realizações ficassem no vazio e as usinas paradas...